

LMCARREIRA

TEATRO

TRÊS PEÇAS NUM ACTO

... ATÉ AO ÚLTIMO SUSPIRO
UM VINHO DO PORTO DE 1910
UM GRITO

1977
EDIÇÃO DO AUTOR

LMCARREIRA

1421

300

TEATRO

Três peças num acto

...ATÉ AO ÚLTIMO SUSPIRO

UM VINHO DO PORTO DE 1910

UM GRITO

UM GRITO

(TALVEZ) TRAGÉDIA

UM GRITO
(TRAGEDIA)

*a todos aqueles que deram
inutilmente um pouco de sua vida
a todos aqueles que nunca deixaram de
amar os homens em face*

Um quarto simples: uma porta, uma janela, um divã, uma estante com livros, uma mesa de trabalho com um candeeiro, e cadeiras. Um telegrama sobre a mesa.

Toda a cena decorre numa semi-obscuridade.

Personagem único, de 25-26 anos.

Excluindo as indicações cénicas que estão assinaladas no texto, o actor tem plena liberdade de movimentos.

A cena está completamente às escuras. Subitamente, um grito enorme, profundo. Voz de homem, gritando apavorado. Estão a atacar. Estão a atacar. Todos aos seus postos. Depressa. Fogo. Fogo. Respiração precipitada, ampliada ao microfone. Acende-se um candeeiro de cabeceira. Um homem, em pijama, está meio deitado no divã, completamente transtornado pelo pesadelo que acaba de ter. Merda! Merda! Assim é quase todos os dias. Um silêncio. Como invejo todos aqueles que passam tranquilamente a noite. Levanta-se. Com lentidão. Como invejo todos aqueles que dormem sem pesadelos. Há dois meses que cheguei, e há dois meses que não consigo dormir. E quantos, quantos como eu há por este país fora... Nós, geração sacrificada. Nós, geração inutilmente e estupidamente sacrificada. O interesse nacional, dizem eles... Eles, os grandes senhores deste país. Eles, aqueles que dormem tranquilamente nos braços das suas respeitáveis senhoras numa cama fofa... Elas, as senhoras de todos estes respeitáveis senhores. Elas, as senhoras que se dedicam abnegadamente ao Movimento Nacional Feminino, que se sacrificam generosamente para levarem aos soldados de Portugal em missão de soberania em África... os restos da sua beleza feminina. Andando precipitadamente de um lado para o outro, a raiva montando em si. Elas, esse bando de velhas inúteis, que passam o tempo a percorrer as colónias com os dinheiros públicos, para alimentar o amor dos soldados pela Pátria. Abrindo os braços, num gesto amplo. A Pá-

tria não os esqueceu, meus filhos. *Manguito. Com violência, abrindo os braços num gesto amplo.* A Pátria enviou-nos para vos dizer que vós estais profundamente no coração das mulheres portuguesas. Vós sois os heróis do século vinte!... *Longo silêncio. Irónico.* Quando estava rodeado de arame farpado, um dos meus maiores prazeres, era imaginar este bando de velhas de carnes balofas do Movimento Nacional Feminino de cu para o ar... oferecendo-o piedosamente às praças e milicianos. Ao mesmo tempo, a senhora presidente, nua e de soquetes *Mímica.*, tendo numa mão o estandarte do Movimento Nacional Feminino, galhardamente ondulando ao vento, e na outra mão um megafone, incita as tropas: «Avante, soldados de Portugal. A Pátria não os esqueceu. Por isso aqui estamos nós. Sirvam-se à saciedade. Hoje não há tristezas nem angústias». O clarinete toca ao ataque, e um a um, as praças e milicianos de Portugal, de G 3 aparelhada, pronta a escarrar fogo, *Mímica.*, começam a desfilar no cu destas piedosas senhoras. Quanto aos profissionais, ficam a assistir ao desfile em sentido, *Mímica.*, nem que um ca... lhes passe pela boca. É assim que eles dizem... *Longo silêncio. Senta-se no divã.* Merda!... No meio de tudo isto, quem não consegue dormir sou eu. Dormir serenamente, como qualquer um de vós. Dormir como um homem que ama a paz, e que tem as mãos limpas. Não era, não, o cu das senhoras do Movimento Nacional Feminino que nos enviavam. *Um silêncio.* Era caixões *Com violência.* Sim, caixões! Sa-